



## **Radiodrama Eduardo e Mônica<sup>1</sup>**

Cíntia Serasuela PAPILE<sup>2</sup>

Gabriele Luiz Pazetto RANZANI<sup>3</sup>

Juliana Zanin MIDENA<sup>4</sup>

Mateus Pereira Pessoa de ALMEIDA<sup>5</sup>

Daniela Pereira BOCHEMBUZO<sup>6</sup>

Universidade Sagrado Coração, Bauru, SP

### **RESUMO**

Este trabalho visa explorar, através de pesquisas bibliográficas, os recursos da linguagem radiofônica, aspectos históricos e efeitos sonoros do meio rádio para compor uma peça radiofônica, utilizando de metodologias e técnicas de radiodramatização aprendidas na disciplina de Redação de Jornalismo Radiofônico. O trabalho de campo, produzido no Laboratório de Rádio, uma unidade didática do Curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração, resultou em uma adaptação da música *Eduardo e Mônica*, da banda Legião Urbana, para um roteiro de radiodrama, com o objetivo de, juntamente com o presente trabalho bibliográfico, demonstrar o poder e influência do meio rádio, mesmo após décadas de seu auge, no imaginário e formação do ouvinte.

**PALAVRAS-CHAVE:** radiodrama; Eduardo e Mônica; linguagem radiofônica; rádio; Legião Urbana.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: cintia.papile@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: alles\_luge@hotmail.de.

<sup>4</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: julianamidena@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: matrockfen@hotmail.com.

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: daniela.bochembuzo@usc.br.



O rádio é um veículo de comunicação imediato pela facilidade de mobilidade, pois divulga o fato na hora de seu acontecimento, bem como seu desenrolar “ao vivo” e, segundo McLeish (2001, p. 16) “esta capacidade de deslocamento geográfico é que gera seu próprio entusiasmo”

Além disso, o rádio é considerado também o veículo mais abrangente, pois está presente em 98% das casas, em 83% dos carros, podendo estar presente numa cidade do interior, caracterizando sua face regionalista, ou em outros pontos remotos, de alcance nacional ou internacional atravessando os oceanos por meio de ondas tropicais, curtas, AM e FM ou na internet (CÉSAR, 2005).

No Brasil, a primeira transmissão se deu em setembro de 1922 e, desde então, passou a exercer fascínio e até influência no cotidiano dos ouvintes, todos desejavam obter aquela “caixinha mágica”; além de seus recursos instigantes, Meditsch (2001, p. 27) afirma que “a grandiosidade da magia do rádio está em ser um produto de racionalidade e da práxis humana”.

E o auge desse meio de comunicação foi na década de 40, declarada a “Época de Ouro do Rádio”, quando o aparelho se tornou um novo companheiro das famílias brasileiras, com uma programação variada; desde informações até aos concursos de Rainha da Voz. “É importante chamar a atenção para o fato de que, nesse período, as famílias brasileiras mantinham o hábito de se reunir para jantar, ouvir o rádio e conversar sobre as notícias do dia” (CÉSAR, 2005, p. 189).

O rádio pode ser a mistura de um todo produzido por um único instrumento, o som.

Conjunto de elementos sonoros que se difundem para produzir estímulos sensoriais estéticos ou intelectuais; ou para criar imagens. Tem como funções provocar no ouvinte a criação de imagens mentais construídas a partir da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio. (CABELO, 1999, p. 16-17).

Foi nesse período que surgiram as radionovelas, que duravam de dois meses até dois anos. A primeira delas foi *Em Busca da Felicidade* que foi ao ar em 1941, via Rádio Nacional, a partir daí, familiares e amigos juntavam-se ao redor do rádio para acompanhar as histórias. Assim, “a Nacional se transformou em uma verdadeira fábrica de ilusões: suas novelas marcaram época, forjaram hábitos e atitudes, despertaram polêmicas e fizeram muito sucesso com o público ouvinte” (CÉSAR, 2005, p. 187). Os personagens passavam a fazer parte da vida dos ouvintes, seja sob a forma de



comentários sobre o capítulo do dia, ou com homenagens como batizar os filhos e, até mesmo, praças e creches com os nomes dos personagens da trama. Algumas radionovelas, até hoje, são citadas como grandes produções da época como a *Direito de Nascer*, que posteriormente foi adaptada para a televisão, e gerou no meio impresso um debate entre profissionais de diversas áreas sobre o tema tratado.

O tempo de transmissão desses produtos radiofônicos variava bastante, mas sempre obteve altos índices de audiência, estando sempre entre os programas mais ouvidos. “Entre os campeões de audiência das emissoras de rádio estavam as novelas, dramatizações em geral” (CALABRE, 2004, p. 33). Esse sucesso das radionovelas, e mesmo das radiodramatizações, se deve ao fato de provocar um espetáculo particular nas mentes de cada ouvinte.

“Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tenta visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz. Que imagens são criadas quando a voz transmite um conteúdo emocional?” (MCLEISH, 2001, p.15)

O estímulo à imaginação é algo determinado já no momento da produção e escrita, por esse motivo, o autor já se insere nesse universo do imaginário produtivo para que transmita, de forma adequada, a mensagem para o ouvinte.

Dentro dessa grande engrenagem, há a figura do autor dos textos ficcionais radiofônicos. Escrever para o rádio é fazer um teatro cego, no qual os ruídos, a música e os recursos de voz são muito mais importantes do que em outros meios (CALABRE, 2003, p.6)

Atentos aos efeitos sonoros, às entonações das vozes e à descrição de cenário, os ouvintes montavam suas próprias cenas e características físicas dos personagens, a curiosidade era aguçada. Com esse exercício livre da mente, é possível até a melhor captação da mensagem que o texto da peça pretende passar.

Assim como as radionovelas, as peças radiofônicas também fazem parte do gênero dramático do rádio;

“as produções deste gênero buscam utilizar todos os recursos da linguagem sonora e radiofônica (música, efeitos, silêncio e vozes) para construir ambientes e personagens e, por meio deles, apresentar histórias reais ou fictícias [...] é um gênero extremamente importante, desafiador e muito útil para a expressão de indivíduos e comunidades” (HAUSMAN et al. 2010, p. 410)



Além dos citados motivos benéficos para os ouvintes, a peça radiofônica, embora não muito explorada pelas emissoras brasileiras, são também uma contribuição, de forma geral, para o próprio meio radiofônico e, singularmente, para as próprias emissoras.

“Como o tamanho e o alcance das imagens criadas são limitados apenas pelas mentes que as elaboram e interpretam, o meio, na sua relação com a peça, é inigualável e qualquer serviço de rádio ficará empobrecido se não tentar atuar nessa área” (MCLEISH, 2001, p.179).

Com o conhecimento dessa historicidade e da prática da produção radiofônica, principalmente no que tange os radiodramas, os alunos produziram o Radiodrama Eduardo e Mônica, como parte da disciplina Redação de Jornalismo Radiofônico, tendo como base principal a letra da música de mesmo nome, da banda Legião Urbana.

O intuito foi resgatar o conceito das radionovelas e as interações sensitivas que, desde a década de 40, são capazes de transmitir. Por não se tratar somente de uma história, mas também dos sentimentos que envolvem os personagens, cria-se uma proximidade entre estes e o público ouvinte, elemento que o rádio sempre buscou em suas produções.

Desse modo, o presente trabalho também tem por objetivo demonstrar o poder e o fascínio que o rádio ainda é capaz de transmitir aos ouvintes, mesmo após décadas de seus anos de ouro. Assim como Meditsch (2001) coloca, a crença de que o rádio é um meio do passado está fortalecida por essa “era da imagem”, mas que uma observação apurada da realidade prova que esse senso comum é errôneo, apesar da invisibilidade, o rádio cresce. E esse pensamento geral não sobrevém pela falta de imagens desse meio; “A pouca importância atribuída ao rádio, desde o surgimento da televisão, reflete-se no fato de ser o meio de comunicação menos estudado nas últimas décadas” (MEDISTH, 2001, p. 28).

O rádio consegue ser ainda mais próximo do ouvinte e contribuir mais para o exercício de sua atividade mental, exatamente por não contar com recurso visual.

“Diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa “que está ali”, as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores [...] O rádio é muito mais algo pessoal, que vem direto ao ouvinte” (MCLEISH, 2001, p.16)



Com essa base, para iniciar a produção da peça houve um levantamento de obras literárias e musicais, com a finalidade de verificar qual traria melhor adaptação para um roteiro de radiodrama, e se adequaria com a linguagem radiofônica que, segundo Ferraretto (2001) “engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinadas entre si de diversas formas”.

Dessa forma, houve pesquisas bibliográficas sobre linguagem radiofônica com base nos estudos de Luiz Artur Ferraretto, José Marques de Melo e Eduardo Meditsch, que afirma haver uma série de desafios para a construção da linguagem radiofônica, já que o rádio tem um caráter puramente auditivo.

A demarcação destes limites é bastante complexa, pois não depende apenas das leis físicas que permitem a descrição objetiva deste som mediatizado pelo áudio, mas também de variáveis psicológicas relacionadas à percepção e à imaginação que estão longe de constituir uma ciência exata (MEDITSCH, 2001, p. 148).

E a linguagem das radionovelas também possui sua especificidade dentro do meio como um todo, conforme afirma CALABRE (2004, p. 37) “a linguagem da radionovela tinha que ser simples, e a temática deveria ser abordada de forma a sensibilizar o ouvinte, gerando o consumo do universo imaginário”. Diante disso, a escolha da obra adaptada se fez adequada, pela possibilidade de trabalhar com linguagem simples e um tema sensível e presente no repertório de vida dos ouvintes.

Outro fator decisivo na escolha da obra foi que tal trama traria, de forma mais satisfatória, o efeito de proximidade com o ouvinte. E que esta poderia ser dividida em cenas de forma mais apropriada ao meio, objetivando a inserção do ouvinte na narrativa de forma indireta. “No rádio, as cenas podem ser mais curtas do que no teatro e a passagem de uma situação para outra é uma simples questão de manter o ouvinte informado sobre onde ele está a cada momento” (MCLEISH, 2001, p. 181).

Para iniciar o processo de adaptação e escolha dos recursos sonoros, o produtor de uma peça radiofônica precisa elaborar um planejamento para atingir o objetivo, Hausman et al. (2010, p. 265) “precisa ser planejado com o produto final tendo em vista cada estágio. É preciso ter sempre em mente que o drama radiofônico é uma ilusão. Ele não acontece simplesmente; mas precisa ser criado”.

Com isso, todas as etapas foram elaboradas através da técnica de produção de radiodrama preparado conforme o diagrama produzido por McLeish (2001, p. 181).

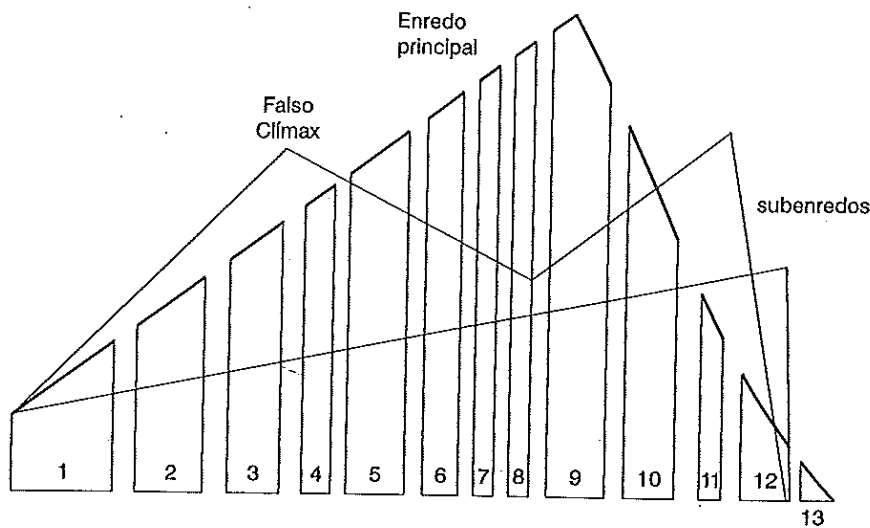


Fig. 19.1. Diagrama de uma trama ou enredo, ilustrando a diminuição da duração da cena à medida que a ação atinge o clímax:

- 1-2 introdução, cenário e contexto, caracterização;
- 3-5 conflito, eventos resultantes de personagens da situação;
- 6-8 ação emergente, complicação, suspense;
- 9 tensão máxima, crise, clímax;
- 10-11 declínio da ação, resolução;
- 12-13 desfecho, reviravolta.

Assim, a escolha foi pela música *Eduardo e Mônica*, que teve seu lançamento em 1986, no CD Dois da banda Legião Urbana. Composta por Renato Russo, a canção ganhou o público e mantém seu sucesso até hoje. Ao decorrer da letra, Eduardo e Mônica se conhecem por acaso e a partir de então passam a se encontrar; percebem que seus princípios são diferentes, mas se apaixonam mesmo assim. Com o amor surgem as dúvidas, as dificuldades, mas também os momentos felizes.

A história conta sobre um casal comum, com problemas cotidianos, e incertezas sobre o futuro. A relação com a realidade de diversos casais faz com que a música ganhe apreço e admiração de todas as gerações. A partir da percepção desta ligação com a realidade, foi idealizada a produção de um radiodrama para contar uma versão da história do casal e, assim, demonstrar o poder do rádio como dispositivo de conhecimento e entretenimento, com forte ligação ao imaginário.

De acordo com todo o estudo bibliográfico, o roteiro aborda a letra da canção; as cenas foram adaptadas e acrescentadas para criar a história que envolve os personagens e o cenário em que vivem, considerando o gênero e o meio.

Portanto, a adaptação não perde a essência da letra original, mas explora de forma aprofundada cada cena. Neste processo de transformação do texto original para



uma peça radiofônica, foram levados em consideração, além dos fatores mencionados, as especificidades do texto radiofônico abordadas por Marques de Melo (*apud* Barbosa Filho, 2003, p. 99-100) de que “um texto escrito para ser lido, cuja emissão combina a entonação de locutor e os recursos de sonoplastia, criando ambientação especial para sensibilizar o ouvinte”.

Além disso, o rádio se torna um aliado da falta de tempo ao lazer em que os cidadãos são, frequentemente, submetidos nos dias atuais, “o meio é menos exigente, visto que nos permite fazer outras coisas ao mesmo tempo, e os programas tornam-se um acompanhamento para alguma outra tarefa” (MCLEISH, 2001, p.18), ao mesmo passo em que ele desperta sua imaginação e o faça se envolver emocionalmente com os personagens da obra.

Por isso, o auxílio dos efeitos sonoros e da trilha musical adequados, a história contada por uma radiodramatização se desenvolve e conquista expectadores, dessa forma, a trilha sonora, composta apenas pela própria canção *Eduardo e Mônica* e outras nove músicas da banda Legião Urbana, tem objetivo de atingir as duas funções básicas que Kaplún (*apud* Silva, 1999) destaca para esse elemento radiofônico: a descritiva e a expressiva.

Segundo Silva (1999), a função descritiva pretende situar o ouvinte em ambiente espacial e temporal no qual transcorre a ação. O radiodrama *Eduardo e Mônica* atinge este objetivo quando insere trilhas do contexto da década de 80, transportando, assim, o ouvinte para a referente época. E a função expressiva “contribui para suscitar o clima emocional, criar uma atmosfera sonora, assim como para caracterizar um personagem, procurando adequar determinadas características da música a diferentes personalidades” (SILVA, 1999, p.79), como ocorre em cenas de emoção causadas por euforia ou conflitos, que são ilustradas por músicas com temas correspondentes ao que está em andamento, prendendo, assim, a atenção do ouvinte.

Assim sendo, o roteiro foi dividido em cenas para a melhor descrição e visualização dos cenários; e cada uma destas cenas possui um nome que faz alusão às músicas da banda Legião Urbana que contextualizam os momentos vividos pelos personagens da história de *Eduardo e Mônica*.

Para maior exploração dos recursos radiofônicos, com intuito de haver um maior envolvimento do ouvinte com a narrativa da dramatização, foram utilizados dois narradores oniscientes que expõem os pensamentos e sentimentos dos personagens principais.



Ao transformar a canção em um roteiro, os personagens foram idealizados e construídos com características individuais específicas, para que o ouvinte pudesse identificá-lo não somente pelo elemento da voz, mas também por suas atitudes ao decorrer da narração, utilizando técnicas de inserção de elementos dramáticos radiofônicos que, de acordo com Hausman et al. (2010), criam ilusão de lugar e movimento.

Para as gravações, foi utilizado estúdio A do Laboratório de Rádio, uma unidade didática, da Universidade Sagrado Coração, onde também editaram e incluíram os efeitos sonoros. Todos os passos, até a edição do produto final, contaram com o auxílio dos técnicos presentes e orientação da professora Daniela Pereira Bochembuzo.

O produto final totaliza 24 minutos e 02 segundos, em que a música *Eduardo e Mônica* ganha a interpretação dramática dos alunos, o que exercita todos os aprendizados teóricos e os efeitos sonoros.

A sequência dos fatos, acompanhados de outras músicas da banda Legião Urbana, torna o projeto característico em sua proposta de abordar a música *Eduardo e Mônica* em um formato de peça radiofônica, de acordo com a época, os cenários e os momentos vividos pelos personagens. As experiências pessoais que são transmitidas no decorrer das passagens são cotidianas, o que causa a identificação do ouvinte com a narrativa.

Todo o processo de produção, bem como o produto final, proporcionaram aos alunos compreenderem os processos de adaptação, interpretação e edição no veículo radiofônico. Compreendendo a importância de cada procedimento e, principalmente, a importância dos efeitos sonoros para a diferenciação e percepção no meio rádio.

Assim, se concretiza a idealização de produzir um radiodrama, com base nas reflexões que a canção de Renato Russo traz e nos estudos sobre as radionovelas, para trazer a representação no rádio para a realidade atual e, deste modo, confirmar as possibilidades que este veículo possui de se fazer visível e agregar emoções até mesmo na era do visual e digital.

Além de promover um encontro de gerações, que se faz necessário, tanto através do resgate desse tipo de produção radiofônica, quanto às músicas consagradas em outras décadas.





## REFERÊNCIAS

CABELO A. R. G. **Expressão Verbal na Linguagem Radiofônica** in BIANCO, N. R. Del; MOREIRA, S. V. O Rádio No Brasil: Tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UERJ / UnB, 1999.

CALABRE, L. **A Era do Rádio**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004

CALABRE, L. **Rádio e imaginação, no tempo da radionovela**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

CÉSAR, C. **Rádio – a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FILHO, A. B. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

HAUSMAN,C; et al. **Rádio: produção, programação e performance**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

McLEISH, R. **Produção em rádio**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, E. **O Rádio na era da informação – teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2001.

SILVA, J. L. O. A. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.